

# NEXOS ENTRE O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E A CATEGORIA JUVENTUDE

## LINKS BETWEEN THE CONCEPT OF EXPERIENCE AND THE YOUTH CATEGORY

Gisania Carla de Lima<sup>1</sup>

Severino Bezerra da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é um recorte das ponderações feitas em nossa tese de doutorado, e tem como objetivo apresentar reflexões acerca da relação entre a categoria social juventude e o conceito de experiência nas práticas de jovens em espaços rurais da região do Brejo Paraibano. O desenho teórico-metodológico toma como referencial as contribuições Stropasolas (2006), Silva (2011), Groppo (2000, 2015, 2017), Carneiro (2005), Macedo (2011), Thompson (1981, 1998), entre outros. Além disso, procedimentos metodológicos como: visitas, observação direta e aplicação de entrevistas, foram executados para favorecer o conhecimento acerca do tema. Daí, organizamos o deste artigo abordando o conceito de experiência buscando compreender a condição social dos jovens no campo; a categoria juventude, considerando que não existe apenas uma juventude, uniforme, homogênea, mas que subcategorias se formam para dar conta das especificidades das juventudes, no nosso caso, da juventude rural. Por final, discutimos os resultados relacionando o conceito e a categoria, à materialização de práticas que se apresentam com potencial de incidência na realidade dos jovens. Assim, as práticas desenvolvidas revelaram trajetórias que expressam a particularidade de suas experiências nesse contexto, e asseguram a existência de um lugar para a atuação dessa juventude, que garante um sentido de pertencimento.

**Palavras-chave:** Juventude. Experiência. Protagonismo.

**Abstract:** This article is an excerpt of the considerations made in our doctoral thesis, and aims to present reflections on the relationship between the social category youth and the concept of experience in the practices of young people in rural areas of the Brejo Paraibano region. The theoretical-methodological design takes as reference Stropasolas (2006), Silva (2011), Groppo (2000, 2015, 2017), Carneiro (2005), Macedo (2011), Thompson (1981, 1998), among others. In addition, methodological procedures such as: visits, direct observation and application of interviews were carried out to promote knowledge about the topic. Hence, we organize this article approaching the concept of experience seeking to understand the social condition of young people in the countryside; the youth category, considering that there is not only one youth, uniform, homogeneous, but that subcategories are formed to account for the specificities of youth, in our case, rural youth. Finally, we discuss the results relating the concept and the category to the materialization of practices that have the potential to affect the reality of young people. Thus, the practices developed revealed trajectories that express the particularity of their experiences in this context, and ensure the existence of a place for this youth to act, which guarantees a sense of belonging.

**Keywords:** Youth. Experience. Protagonism.

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7729794987552863>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3202-988X>. E-mail: [lima.180816@gmail.com](mailto:lima.180816@gmail.com).

2 Doutor em Ciências Sociais, PUC - SP. Professor do Departamento de Metodologia da Educação (PPGE/UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8286905684399911>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3062-6640>. E-mail: [severinobsilva@uol.com.br](mailto:severinobsilva@uol.com.br)

# Introdução

## Para iniciar a conversa

O debate atual sobre a juventude nos desafia a compreender as dimensões da vida social desse que se tornou ator social, considerando seus dilemas, enfrentamentos, com vistas ao reconhecimento das possibilidades criadas no processo histórico que está envolvido. Para avançar nessa compreensão, e entendendo a relevância disso para o conhecimento, apresentamos reflexões acerca da relação entre a categoria social juventude e o conceito de experiência em Thompson nas práticas de jovens em espaços rurais da região do Brejo Paraibano, sendo este artigo um recorte das ponderações feitas em nossa tese de doutorado.

Para tratar da condição social dos jovens, tem-se levado em consideração aspectos relacionados à multiplicidade das juventudes, a pluralidade de práticas, territórios e identidades, assegurando, dessa forma, que não existe apenas uma juventude, uniforme, homogênea, mas que se formam juventudes, ajustada em subcategorias a partir de suas especificidades (GROPPO, 2017). O recorte sócio-histórico de classe social, religião, mundo rural/urbano, gênero, raça, etnia, constituem as subcategorias porque formam identidades juvenis nos vários contextos (GROPPO, 2015). Ao considerar esses aspectos, a abordagem acerca da juventude avança para o entendimento da representação dessa categoria, desvelando o implícito, o não compreendido acerca das experiências dos jovens em seus contextos sociais.

A juventude não é uma categoria homogênea. Nesse sentido, Carneiro (2005) acrescenta ainda fluidez, imprecisão, variação e heterogeneidade à categoria juventude, destacando como ela se define a partir disso: “[...] categoria socialmente construída e que se caracteriza pela transitoriedade inerente às fases do processo de desenvolvimento do ciclo vital” (CARNEIRO, 2005, p. 245). Logo, a juventude pode ser pensada como período da vida que pode ser reversado à projetar o futuro.

No nordeste do Brasil as áreas rurais são marcadas por acentuada precariedade social, cuja parcela da população jovem dessas áreas tem sido atingida, sendo necessário atentar para as singularidades das juventudes nesses espaços. Macedo (2011) chama atenção para a necessidade de abordar a juventude rural sob uma perspectiva que supere a condição de ser um “tema costumeiramente secundarizado” (MACEDO, 2011, p. 230). Para atender a esta demanda, esperamos que o conhecimento acerca da juventude rural, institua uma forma diferenciada de abordar o conceito de experiência para esse ator social. Além disso, conhecer a experiência desse ator pode trazer subsídios para o debate acerca do ambiente rural, do acesso à terra, do crédito, dos direitos sociais básicos como educação, cultura e outros bens e serviços, temáticas que envolvem sua condição cidadã.

É importante ressaltar que os jovens têm assumido a posição de ator social em contextos de enfrentamento às desigualdades, possibilitando a condução de mudanças significativas. Acerca disso alguns exemplos podem ser dados como o interesse dos jovens por assuntos relacionados à trabalho e educação, tendo em vista que há um incentivo constante das famílias para o estudo; e, uma disposição para a elaboração de projetos de vida que podem ser potencializados pelo envolvimento em processos educativos diversos que dinamizam suas experiências.

A condição social do jovem no campo, segundo Silva (2011), está caracterizada por migrações e pelo desinteresse pela vida no campo. Isso desponta como traço relevante para compreender essa condição, compondo com frequência o repertório dos estudos que analisam a realidade desses jovens. Entretanto, alguns estudos apontam para a busca por outros aspectos que possibilitem a compreensão dessa realidade; por exemplo, atentar para como as migrações constituem também uma estratégia de enfrentamento e de superação.

Nesse sentido, Saturnino (2007) chama atenção para o “novo contorno, novo significado” das mi-

grações, caracterizando-as como deslocamentos entre campo-cidade-campo, com dupla função ao representar uma fuga dos conflitos familiares ou estratégia de sobrevivência válida nesse contexto. Segundo o autor, as jovens se diferenciam nesse processo por darem um “novo significado” à migração, potencializando seus projetos de vida com autonomia e emancipação pessoal, direcionando-os ao trabalho e ao acesso à escolarização. Por fim, o autor considera a migração como prática cultural, historicamente constituída, e, por conta disso, torna-se um elemento importância na construção do processo histórico.

Taffarel e Oliveira (2015) nos lembram que o mundo rural está caracterizado também pela relação histórica da propriedade da terra com o modelo agroexportador baseado na monocultura e no uso de tecnologias; por retrocessos no processo de reforma agrária e a falta de investimentos em políticas públicas econômicas e sociais, em especial, a falta de universalização da educação em todos os níveis. Nesse sentido, Ribeiro (2015) aborda o processo de desterritorialização dessas áreas e o abandono da vida no campo, acentuado com a implantação das políticas neoliberais nas últimas décadas do século XX.

Isto pode ser percebido como grande motivador das buscas empreendidas pelos jovens por melhoria nas condições de vida, tendo em vista que diante das privações, têm almejado estabelecer percursos diferentes e deslocamentos que não resultem no envelhecimento do campo ou no envolvimento com a violência e a criminalidade, de acordo com o que tem sido demandado pelos grupos juvenis. Por isso, o interesse dos jovens rurais pela participação e por desenvolver práticas diferenciadas no campo demarca suas experiências nesse contexto como mais atuantes, participativos, envolvidos com o desenvolvimento de sua comunidade, conscientes de seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

Portanto, suas experiências são valorizadas por porque contribuem para configurar práticas que garantem a relação com a vida local, com a expectativa é de que o local se torna um lugar de qualidade de vida, produtor de práticas sociais e culturais que fortaleçam a organização de grupos, promovam uma transformação na realidade, construindo o processo histórico.

## Metodologia

Na abordagem de pesquisa qualitativa teorias e conceitos estão envolvidos no processo investigativo para compor um caminho importante para o conhecimento aproximado da realidade, explicando os fenômenos que a cercam. Ela atende às questões subjetivas implicadas em um projeto de pesquisa, constituindo uma perspectiva que contribui para “... sondar a realidade e desvendar seus segredos”, mostrando como se configura a busca pelo conhecimento do mundo social a partir das subjetividades (MINAYO, 1994). Os procedimentos adotados possibilitam a composição de um “mosaico científico” válido no processo investigativo, assegurando por meio da cientificidade dos instrumentos adotados, o cuidado com o que está sendo descoberto (BECKER, 1997). Deste modo, a presença ou a descoberta da teoria no processo de pesquisa afasta o risco para o pesquisador de tomar o aparente como verdade, visto que a pesquisa empírica proporciona que ela se apresenta e não o que se deseja encontrar ou confrontar.

A pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade, combate o perigo de bias, porque torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus conceitos e expectativas (GOLDENBERG, 1997, p. 47).

Essa abordagem permitiu que as questões abordadas neste artigo fossem tratadas no percurso metodológico, tornando claras as escolhas feitas dos procedimentos aplicados para compreender os nexos entre o conceito experiência e a categoria juventude através das práticas dos jovens em territórios de

assentamentos rurais no Brejo Paraibano. Iniciamos com a revisão da literature, que nos trouxe subsídios para compreender a conexão do conceito experiência com a categoria juventude a partir da pesquisa empírica representa um recurso viável para apresentar apontamentos acerca das juventudes no campo.

Outros procedimentos metodológicos adotados foram visitas, observação direta e aplicação de entrevistas, executados para favorecer o conhecimento acerca do tema. Daí, organizamos o referencial teórico deste artigo abordando o conceito de experiência buscando compreender a condição social dos jovens no campo; a categoria juventude, considerando que não existe apenas uma juventude, uniforme, homogeneia, mas que subcategorias se formam para dar conta das especificidades das juventudes, no nosso caso, da juventude rural. Por final, discutimos os resultados relacionando o conceito e a categoria, à materialização de práticas que se apresentam com potencial de incidência na realidade dos jovens.

## Um conceito para pensar as práticas de uma juventude

Thompson (1981; 1998) aborda o processo histórico a partir da experiência considerando que historicização se articula à cultura, consolidando uma condição existencial e relacional, de experiência vivida, dialogada, concretizada nos espaços. É importante destacar que Thompson distinguiu experiência a partir de duas formas: experiência vivida, que corresponde ao ser social; e experiência percebida, ou seja, consciência social; apontando que a articulação delas serve para explicar as mudanças históricas de maneira racional (ALVES; ARAÚJO, 2013).

Deste modo, experiência como conceito de análise possibilita uma compreensão acerca do sujeito jovem, suas práticas de existência, afirmação no mundo e contribuição com processos históricos caracterizados por uma sequência continuada de ações com propósitos. Cria-se uma dimensão subjetiva que envolve os processos através de sentidos e significados dados pelos jovens às experiências que constituem no conjunto das ações que realizam. O conceito ganha forma nessa dimensão e se materializa na ação/prática, fazendo com que se perceba a representação social dos jovens, e sua incidência e percepção da realidade.

Para entender a relação entre conceito e dimensão subjetiva, nos ancoramos em Moreira (2005), que ao abordar o conceito de subjetividade, aponta para uma representação social da realidade como resultado da construção, conexão de sentidos feitas pelos atores; daí, acreditamos ser possível compreender o que envolve experiência e processos históricos. A autora apresenta o conceito de subjetividade na citação seguir:

Falamos aqui de 'subjetividade' dos atores não no sentido psicológico do termo, mas no sentido em que tempo e espaço atualizam-se nas representações sociais, assumindo tons novos e singulares. Daí a necessidade de compreender a forma pela qual o tempo aflora no presente, trazendo à tona o que foi vivido no passado para fazê-lo emergir no aqui e agora sob a forma de lembranças e recordações que passam, então a construir representações marcadas socialmente, com um papel ativo e partícipe da construção presente e futura do ator social (MOREIRA, 2005, p. 29).

Nesse sentido, o conceito em destaque nesse artigo vem explicitar no processo histórico, a busca dos jovens nos territórios dos assentamentos rurais do Brejo Paraibano por constituir práticas comuns que as agrega em torno de projetos coletivos, compondo aprendizados que indicam mudanças significativas no sentido da resistência, superação às situações de exclusão e desigualdades que muitos jovens estão submetidos no campo. Os aprendizados apontam para processos educativos que buscam contribuir com a autonomia dos sujeitos no sentido do que apresenta Freire (1996) quando considera autonomia como categoria central da educação libertadora, como observamos na citação a seguir:

...autonomia é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo de nossa existência. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas... (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2016, p. 53).

A autonomia para esses jovens marca a experiência vivida, pois resguarda o princípio de que “... não podemos desejar a autonomia sem desejá-la para todos e sua realização só pode conceber-se como empreitada coletiva...” (MARTINS *adup* CASTORIADIS, 1991, p. 130). Zatti (2007) acrescenta outro elemento essencial quando aborda que a autonomia versada no diálogo desconstrói o antidialógico e estabelece relação e sentimento com os seres, com o mundo social, ou seja, humaniza os processos que envolvem as juventudes no campo.

Martins (2006) analisa as experiências dos jovens rurais a partir da teoria thompisniana, considerando-os como “sujeitos reais que vivem, pensam, sentem suas experiências e dão respostas ao contexto histórico-social em que se encontram inseridos” (MARTINS, 2006, p. 12), garantindo que o processo histórico não esteja reduzido à determinismos econômicos mais que sejam considerados aspectos relevantes de suas práticas culturais, para a composição de um quadro analítico pertinente a abrangência da condição juvenil. Enfatiza ainda que a realidade no campo apresenta aos jovens uma dupla pressão cultural causada pela imposição da cultura tradicional e da cultura “dos meios de comunicação de massa”, sendo imprescindível compreender “... Como os jovens rurais respondem a isso? Em que medida emergem novas respostas e em que medida se reproduzem as estruturas dominantes? (MARTINS, 2006, p. 12).

As contribuições trazidas por Thompson enfatizam que as condições materiais e culturais se articulam para consolidar, nos processos históricos, experiência vivida, corroborando com uma análise das experiências das juventudes que pondera a ascensão desse ator social, assegurando tanto uma condição de sujeito jovem quanto a incidência em seu contexto. As experiências se organizam em um território de atuação, sendo produzidas com as “[...] práticas educativas nas lutas do cotidiano são processos formativos que geram saberes que não apenas ajudam essas pessoas e grupos a viver, mas também são importantes para a recriação da sociedade” (STRECK, 2013, p. 361). Dessa feita, o campo não estará reservado ao atraso, ao descaso, mas se torna lugar de vivências que contribuem para uma consciência sociopolítica dos jovens presentes nesse espaço, que por sua vez, buscam enfrentar a realidade criando possibilidades para que mudanças ocorram a partir de suas práticas.

Destacamos que as práticas que consideramos tem apresentado respostas aos problemas enfrentados pelos jovens no sentido da participação, de (res)significar dimensões sociais no campo diante de um planeta em risco, que precisa reinventar suas ações para preservação da vida humana.

Há uma perspectiva em relação ao fazer das juventudes para garantir a sobrevivência no campo que pelo questão da preservação do meio ambiente com ideal de sustentabilidade. Em entrevista ao programa *Roda Viva*, no canal de TV aberta Cultura, exibida em 03 de fevereiro de 2020, o cineasta, produtor, roteirista e ativista Fernando Meirelles, quando questionado acerca das questões ambientais, falou da importância de preparar as gerações para lidar com essas questões de forma consciente e equilibrada, tendo em vista o agravamento dessas questões no planeta nos últimos anos.

Por isso, apropriar as juventudes acerca de temas que envolvem a agroecologia tem sido essencial para a realização de ações locais de formação humana, política e produtiva, com metas que garantem a existência da vida nas áreas rurais. Segundo Silva e Rego(2008), isso ocorre porque a proposta de desenvolvimento para o campo colocou em risco a qualidade de vida com a “desorganização do meio ambiente”; daí, a necessidade de repensar esse processo e fomentar o ideal de desenvolvimento sustentável como uma resposta viável à situação. Nas áreas rurais é necessário instalar uma gestão sustentável dos recursos naturais como medida urgente, realizada de forma conjunta entre o poder público e a sociedade civil organizada, com a participação das organização juvenis.

A promoção de processos formativos acerca das temáticas relacionadas ao meio ambiente é posi-

tiva, e tem contribuído para mobilizar e articular grupos de jovens nos territórios para uma atuação propositiva, combativa, que incida na forma de organização da vida no campo. Assim, o envolvimento dos jovens com o tema da agroecologia e suas práticas vem apontar caminhos para experiências locais e regionais que favorecem a construção e trocas de saberes, no sentido de compreender os impactos e avanços do debate sobre problemas estruturais que afetam a população das áreas rurais.

Com isso, identificamos que as experiências educativas promovem saberes para suas práticas, possibilitando vislumbrar o movimento de superação da situação de invisibilidade dos jovens nos espaços públicos. Jovcheiavitch (2011) aborda o saber como representação de mundos subjetivos, intersubjetivos e objetivos, sendo, portanto, um conjunto de práticas, relações e contextos concretos, realidade. O saber também pode ser compreendido como enfrentamento, resistência dos sujeitos diante de uma cotidianidade de conflitos e contradições, caracterizado a partir da comunicação/diálogo, da diversidade e da convivência entre diferentes saberes, resultando em visões de mundo, modos de viver a cotidianidade e na produção de novidade, transformação.

O envolvimento dos jovens em seus contextos possibilita um ambiente fértil de relações que inclui diversos atores na realização de ações que os move para o enfrentamento da realidade, como dissemos, e a criação de trajetórias que a projetam o campo como lugar possível para existência. Isso é favorecido por relações intrageracionais baseadas no diálogo, que amenizam conflitos e garantem a participação como direito fundamental do jovem cidadão. De acordo com Souza (2011), a perspectiva o diálogo intrageracional contribui para a construção de políticas públicas de juventude no Brasil, proporcionando o fortalecimento da sociedade civil, a cidadania ativa para a participação cidadã na esfera política, assegurada pelo Estado democrático de direito que cria mecanismos para a superação das desigualdades (ARROYO, 2010). Para Costa (1998), a cidadania é reinterpretada como um modelo libertador, com uma posição política a serviço do re-ordenamento do conjunto das relações sociais, pois alicerçada em princípios que a tratam como uma questão educativa, quando vista a partir da lógica dos movimentos sociais, que democratiza a estrutura política e constrói a contra-hegemonia popular (MANFREDI, 1980).

Percebemos que as práticas dos jovens convergem para fortalecer projetos de vida e interesses coletivos, haja vista que nas disputas nos espaços de decisão passam a ser reconhecidos e a se representar como atores sociais. Seu nível de engajamento e comprometimento com questões sociais que envolvem as vivências nos territórios esboça o sentido que dão a sua cidadania, a sua participação, desdobrada em atitudes autônomas.

Sobre os sentidos de sua participação nesse contexto, Gohn (2005) que os define a partir da vivência, dos coletivos, do protagonismo, da consciências e dos valores.

Entendemos participação como um processo de vivência que imprime sentido e significado a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e agregando novos valores e uma cultura política nova (GOHN, 2005, p. 30).

Prontamente, podemos falar da contribuição da dimensão educativa da ação dos movimentos sociais para iniciativas que buscam compreender o mundo em que vive e enfrentar suas problemáticas de forma organizada. A relação do homem com o mundo se caracteriza como relação dialética, resultado de uma ação educativa e transformadora dos grupos sociais que lutam pelo reconhecimento e efetivação de direitos. De tal modo, afirma a autora, são construídas identidades de enfrentamento; valorização de saberes para uma mudança cultural; negação da condição de desenraizamento; e, compreensão da condição cidadã.

A atuação dos movimentos sociais e organizações da sociedade civil ganhou novas feições, na última década do século XX, com perspectiva do fortalecimento dos sujeitos sociais através das redes, (GOHN, 2005). Para Gohn (2005) isso representou a “retomada” de ações coletivas em escala local e

global pautada em velhas e novas demandas sociais apresentadas por diversos segmentos, incluindo as juventudes.

Para Scherer-Warren (2006), por exemplo, rede de movimento social se define como uma “síntese articulatória” ou “amalgama” do agir coletivo de vários atores com um princípio identitário que reconhece a redefinição da luta em torno de um sujeito plural. As redes têm a seguinte formação: organizações que se encontram na base da sociedade; organizações de articulação política que representam os mediadores na interlocução entre sociedade civil e Estado, associações de ONGs e redes de redes; mobilizações na esfera pública que servem como forma de expressão e de pressão pública: marchas, campanhas, semanas de conscientização, entre outros; e os apoios financeiros vindos de agências nacionais, internacionais e simpatizantes políticos, que contribuem para dinamizar as ações coletivas. Com isso, evidencia-se a existência de uma dimensão educativa que mobiliza, articula e fortalece os atores para participação direta na esfera pública local

Identificamos que a relação das juventudes com os grupos e coletivos se constitui num instrumento mobilizador de experiências, com a participação direta e efetiva dos jovens em processos. Nesse sentido, uma das principais funções da participação para sua vida é promover experiências educativas, sendo reconhecido o resultado disto através do desenvolvimento da capacidade dos jovens de avaliar e de se relacionar a partir de princípios democráticos. Na prática isto significa pensar o campo e os atores que atuam nesse espaço sob a perspectiva que enfatiza as possibilidades de transformação social e melhoria da qualidade de vida dessa população.

## Considerações Finais

Ao considerar a realidade dos jovens no campo, possibilidades emergem para sua formação como sujeito histórico a partir de suas experiências. Com isso, traços relevantes na trajetória de suas práticas passam a configurar um quadro de procedimentos nos quais é possível perceber os nexos entre categoria e conceito discutidos ao longo deste artigo, facilitando a compreensão sobre a condição juvenil e os processos históricos no campo. As linhas mais gerais desse quadro traçam as feições mais marcantes do contexto onde se desenvolvem as experiências dos jovens como: envolvimento e relação com grupos e coletivos.

Consideramos ainda em nossas reflexões a diversidade das juventudes no campo, sua relação nos territórios, e a dinâmica da vida no campo; e que diante disso a mobilização potencializa a atuação dos jovens, tornando-se uma ferramenta indispensável para a participação direta na elaboração e execução de ações de enfrentamento. Assim, essa participação atribui a cidadania um sentido diferenciado ao constituir-se com um caráter educativo, construtivo, libertador, caracterizando-se como processo que permite práticas de partilha de responsabilidade, fortalecimentos dos sujeitos e construção de caminhos que apontem para interesses comuns nos territórios.

Quanto mais têm oportunidade de se envolver, mais possibilidades que passam a ser criadas, expressando a formação de uma consciência acerca do processo histórico e da necessidade por mudança na relação dos jovens com o mundo rural. A experiência adquirida com as ações de enfrentamento e superação das precariedades da realidade que estão inseridos tem implicado na renovação do campo de atuação das juventudes, com pautas que expressam sua sua condição social na contemporaneidade. Portanto, as práticas que desenvolvem revelaram trajetórias que expressam a particularidade de suas experiências nesse contexto, e asseguram a existência de um lugar para essa atuação, que garante um sentido de pertencimento e afirmação para os jovens.

## Referências

ALVES, Giovanni; ARAÚJO, Renan. Thompson, Lukács e o conceito de experiência — um diálogo mais que necessário. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 5, n. 10, p. 53-70. jul./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2013v5n10p53>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v. 16).

BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

COSTA, Dalva Maiza Medeiros. **O PRONERA no Estado da Paraíba (1998-2008)**, avanços e limites. 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. (Ano de digitalização: 2002).

GOHN, M. da G. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Traduzido de Pedrinho Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Psicologia Social).

MACEDO, Severine Carmem. Juventude brasileira em clima de novas perspectivas. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virginia de (org.). **Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2011.

MANFREDI, Sílvia Maria. A educação popular no Brasil: uma releitura a partir de Antônio Gramsci. In: BEZERRA, Ailda; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A Questão política da Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.



MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política**, UFSC, v. 2, n. 2, ano 4, p. 113-126, ago./dez. 2006. Disponível em: [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br). Acesso em: 20 jun. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira, et. al.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOREIRA, Eliana Monteiro. **Servo de ninguém: a pequena produção urbana em João Pessoa**. João Pessoa: Manufatura/PPGS-UFPB, 2005.

RIBEIRO, Beatriz Maria de Figueiredo. Diversidade das Juventudes: diversidade dos olhares sobre a juventude. In: LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (org.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

SATURNINO, Marcelo da Silva. **Sair para poder ficar: As migrações dos jovens rurais para as usinas canavieiras no estado de SP**. Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia GT26: Sociologia da Infância e Juventude, UFPE, Recife (PE), 29 de maio a 1 jun. 2007.

SILVA, Jeremias Alves de Araújo. **Jovens assentados, jovens estudantes, jovens professores: juventude em assentamentos rurais do RN**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVA, Severino Bezerra da; REGO, Paula Renata Cairo do. Educação do Campo e Desenvolvimento Local. In: JEZINE, Edineide; BATISTA, Maria do Socorro Xavier; MOREIRA, Orlandil de Lima (org.). **Educação Popular e Movimentos Sociais: dimensões educativas na sociedade globalizada**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. A participação nas políticas públicas de juventude: caminhos trilhados, caminhos a construir. In: **Juventude em Pauta: políticas públicas no Brasil** / Fernanda de Carvalho Papa, Maria Virgínia de Freitas, organizadoras. – São Paulo : Petrópolis, 2011.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos em rede no novo Milênio: participação cidadã e governança. In: PORTO, Maria Stela Grossi; DWYER, Thomas Patrick (orgs). **Sociologia e realidade: pesquisa social no século XXI**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

STRECK, D. R. Territórios de Resistência e Criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STRECK, D. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke *et al.* Círculos de estudos, esporte, lazer e artes com a juventude em áreas de reforma agrária: a experiência com os jovens do Recôncavo da Bahia e a elevação do pensamento teórico. In: LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria Isabel Antunes (org.). **Juventudes do Campo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=l2Yll0c6BeQC&oi=fnd&pg=PA1&dq=conceito+de+autonomia+paulo+freire&ots=foAwYQreiA&sig=jyaOyKzWop7NvG9SC2\\_\\_BrZg5u8#v=onepage&q=conceito%20de%20autonomia%20paulo%20freire&f=true](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=l2Yll0c6BeQC&oi=fnd&pg=PA1&dq=conceito+de+autonomia+paulo+freire&ots=foAwYQreiA&sig=jyaOyKzWop7NvG9SC2__BrZg5u8#v=onepage&q=conceito%20de%20autonomia%20paulo%20freire&f=true). Acesso em: 11 mai. 2019.

Recebido em 18 de janeiro de 2022.

Aceito em 26 de abril de 2022.